

Vento, brisa, furacão

Sobre poesia e teologia: percepções desde a literatura brasileira*

Wind, breeze, hurricane

About poetry and theology: perceptions from Brazilian literature

Roberto E. Zwetsch

Doutor em Teologia (EST)
Professor de Teologia Prática e Missiologia
(Faculdades EST) desde 1993
Apoio da FAPERGS

Resumo

A poesia está para a teologia como a respiração para o corpo. Ela é o ar fresco que renova o sangue, que mantém a vida, e a espiritualidade que fundamentam o pensar teológico. Mas a poesia desinstala, cria hiatos, abre espaços onde tudo parecia fechado, surpreende por entre as brechas da linguagem, no vão das tocas. Poesia é uma forma específica de linguagem que encanta, seduz e conduz o ser humano a um novo patamar na sua experiência do belo, do trágico, do imponderável da existência. Por isso pode-se dizer que sem poesia não há teologia. A espiritualidade bíblica nela se funda. Os Salmos e as parábolas de Jesus não me deixam mentir.

Palavras-chave

Teologia. Literatura Brasileira.

Abstract

Poetry is for theology as breathing is for the body. It is fresh air renewing the blood that sustains life, and spirituality that grounds theological thinking. But poetry uninstalls, creates gaps, it opens spaces where everything seemed closed, surprises through the gaps of language, the will of the burrows. Poetry is a specific form of language that enchants, seduces and leads the human being to a new level in their experience of the beautiful, the tragic, to the imponderable of existence. So it can be said that there is no theology without poetry. Biblical spirituality is founded on it. The Psalms and the parables of Jesus do not let me lie.

Keywords

Theology. Brazilian literature.

* Este artigo foi originalmente publicado na Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo, V. 40, nº 2, p. 40-52, 2000, sob o título; “Espiritualidade na vertigem do tempo”, mas reformulado especialmente para esta ocasião.

Introdução

A poesia está para a teologia como a respiração para o corpo. Ela é o ar fresco que renova o sangue, que mantém a vida, e a espiritualidade que fundamentam o pensar teológico. Mas a poesia desinstala, cria hiatos, abre espaços onde tudo parecia fechado, surpreende por entre as brechas da linguagem, no vão das tocas. Poesia é uma forma específica de linguagem que encanta, seduz e conduz o ser humano a um novo patamar na sua experiência do belo, do trágico, do imponderável da existência. Por isso pode-se dizer que sem poesia não há teologia. A espiritualidade bíblica nela se funda. Os Salmos e as parábolas de Jesus não me deixam mentir.

Não por acaso a Bíblia está cheia de poesia. É que a linguagem poética desde os antigos sempre foi um dos principais meios para a tentativa de traduzir em palavras o divino, o sagrado, o transcendente, o impronunciável, o silêncio antes e depois do silêncio, o inefável. Sem a poesia, o testemunho bíblico ficaria pobre e sem graça. Os exemplos se multiplicam desde o Gênesis, passando pelos Salmos, a Sabedoria e os Profetas, até chegarmos aos evangelhos e nos encontrarmos com a linguagem poética de Jesus, depois presente também nos cantos da primeira igreja e na poesia cristã de todos os tempos, em especial a poesia erótica dos místicos, de ontem e de hoje.¹ A poesia assim é uma forma de linguagem que serve exemplarmente para comunicar e transmitir a palavra de Deus, que não se resume a um falar informativo, mas antes *performativo*, isto é, uma forma de dizer que não apenas registra a realidade, mas que tem a ousadia de criar e fazer acontecer a realidade. Está mais para o *dabar* hebraico do que para o *logos* grego. Precisamente, esta é a linguagem da fé, que tem o potencial de criar e transformar a realidade².

Entendo que a vivência da fé cristã é uma experiência *sui generis* que carece de formas para se alimentar e expressar. Ela é uma maneira de viver e de compreender o mundo. Ela denota uma experiência da graça divina, que sustenta este mundo, desde as mais infinitesimais partículas até os grandes astros nos confins do Universo. Esta vivência tem sido caracterizada na teologia como espiritualidade. Neste artigo pretendo refletir a propósito da espiritualidade cristã em face da caminhada do povo de Deus e da teologia no Brasil e na América Latina, particularmente nas últimas décadas. Esta caminhada não pode ser compreendida sem considerarmos a espiritualidade caminhante que brota da fé em Jesus Cristo. O tema é oportuno e relevante como se pode observar pela considerável bibliografia que vem sendo publicada a respeito, sobretudo a partir dos anos 1970.³ Mas

¹ Cf. WESTHELLE, V. A festa, o lúdico e o erótico na religião: perspectiva teológica. *Estudos da Religião*, v. XIX, n. 28, p. 12-28, jan/jun 2005.

² BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Deus: experiência originante e originada. O texto materno-teológico de Adélia Prado. In DE MORI, Geraldo; SANTOS, Luciano; CALDAS, Carlos (Orgs.). *Aragem do sagrado*. Deus na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Loyola, 2011. p. 239.

³ Cf. entre outras: GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço*: itinerário espiritual de um povo. Trad. Hugo P. Boff. Petrópolis: Vozes, 1984. CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da libertação*. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Vozes, 1993. BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. São Paulo: Ática, 1993. BOFF, Leonardo; FREI

minha porta de entrada para os espaços amplos e frescos do desfrute do Espírito divino é a poesia e, particularmente, a poesia brasileira, secular e profana, com o perdão da distinção meramente técnica.

Quando apresentei *oralmente* os poemas interpretados a seguir numa palestra de abertura de ano letivo numa instituição educacional brasileira no interior do Rio Grande do Sul para docentes e mais de 300 estudantes, fiquei a pensar como iniciar minha fala de tal modo que pudesse captar o interesse da audiência. Eram estudantes de Pedagogia, Administração de Empresas, Ciências da Computação. Como instituição superior ligada à Rede de Escolas Evangélicas, a direção julgou por bem chamar um teólogo e pastor para discorrer sobre espiritualidade a jovens universitários. Lembrei-me então das extraordinárias fotos do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado sobre as pessoas que lutam por terra no Brasil e se reúnem no Movimento dos Sem Terra. Escolhi quatro dessas fotos que estampavam imagens de crianças, homens e mulheres sofridas que, apesar de muita dor e sofrimento, lutam para sobreviver com dignidade e ousadia: a primeira era a face de uma mulher idosa em cujas rugas pareciam estar marcadas a aridez do chão seco do Nordeste. Outra destacava os pés dos trabalhadores rurais. Uma terceira era de um círculo de comunidade eclesial de base abençoando o pão a ser repartido na Ceia do Senhor e uma última mostrava uma menina de belos olhos negros em cujo olhar se podia perceber espanto e esperança. Com elas dei início à exposição que depois veio a tornar-se texto escrito. As fotos pretendiam ser uma entrada lúdico-poético-visual ao tema proposto.

O conceito de espiritualidade pode ser tão amplo que padeça de inconsistência total. Ao percorrer hoje as livrarias dos aeroportos ou observando as bancas de jornais nas ruas de qualquer cidade vamos nos espantar com a quantidade de livros sobre o tema. Pode-se dizer que espiritualidade é um tema do espírito do tempo. Por isto mesmo, carece de parâmetros ou de uma explicação ao se recorrer a ele. Neste artigo valho-me de uma definição de um velho e querido professor, Dr. Hermann Brandt, já falecido, que em seus tempos de docente no Brasil nos legou um livrinho modesto, mas instigante sobre o tema. A partir de um diálogo com Gustavo Gutiérrez, Brandt definiu espiritualidade como o domínio do Espírito, uma vivência da fé em Cristo que abarca a totalidade da vida da pessoa que crê. Diz respeito a uma experiência radical de gratuidade e de vivência do evangelho movida pelo Espírito Santo de Deus⁴.

I

BETTO. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. ZWETSCH, Roberto E. *Espiritualidade e antropologia: um diálogo com Leonardo Boff*. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 38, n. 2, p. 141-155, 1998. Sobre espiritualidade na formação teológica: MARASCHIN, Jaci (Ed.). *Que é formação espiritual?* São Paulo: ASTE; São Bernardo do Campo: PEPGCR, 1990. MO SUNG, Jung; WIRTH, Lauri Emilio; MÍGUEZ, Néstor. *Missão e educação teológica*. São Paulo: ASTE, 2011.

⁴ Cf. BRANDT, Hermann. *Espiritualidade – vivência da graça*. 2. ed. Revisada. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006. p. 43s.

Nós somos seres do tempo, seres da história. Num mito da criação do povo Guarani do Paraguai, se diz que com o ser humano começa o tempo.⁵

Mas Deus é antes e depois do tempo. Sua realidade não cabe no tempo e nas palavras do tempo. Não obstante, este Deus surpreende a cada passo. O acontecimento mais alucinante é que ele não quis permanecer na eternidade. Ele se fez ser humano e entrou no tempo, fazendo entre nós morada, uma tenda para nos acolher e nos servir. Mais que isso, fez-se humano historicamente situado, datado, fragilizado vulnerável como qualquer de nós. Deus e nós. O ser e o tempo. Eternidade e fragilidade. Vida em busca de sentido. Num tempo sombrio. Num país dominado. Numa terra ocupada. Não obstante, terra habitada por um povo sofrido, mas esperançoso, cheio de sutilezas. Deus conosco em Jesus de Nazaré, filho de Maria, carpinteiro, leigo, estudioso da lei e da vida.

A comunidade cristã vida a fé que nasce dessa experiência e se renova reiteradamente em meio a essa gente brasileira, muitas vezes, sem eira nem beira, claudicante, controversa, impiedosa e terna, contraditória como qualquer outra humanidade. Qual é a espiritualidade que a motiva hoje? Ou que a questiona? É disso que pretendo discorrer no que segue.

O caminho escolhido é, normalmente, pouco conhecido e valorizado nas escolas superiores, especialmente naquelas dos estudos técnicos e científicos. O que é verdadeiramente lamentável. Pois não há linguagem mais bela, profunda e inspiradora do que a linguagem poética. A bíblia está cheia dela e é uma pena que tenhamos tanto pudor para encontrar nela este veio central. Armindo Trevisan, poeta e crítico de arte, escreveu um importante ensaio sobre a linguagem poética do evangelho. A certa altura ele afirma que o poema é linguagem *seminal* porque jamais se completa sem a colaboração intrínseca do leitor ou seu ouvinte. Ele continua:

A poesia dos Evangelhos não é uma imposição histórica de sua condição judaica; Cristo escolheu-se judeu aqui e agora para expressar-se de determinado modo, o modo poético, embora as duas realidades mencionadas se exijam reciprocamente. A poesia é uma dimensão da encarnação, de igual modo como são outras realidades, possibilitando a consumação do ato de fé. Por não limitar a liberdade humana, antes provocá-la, constitui-se num instrumento providencial, escolhido por Deus para incitar o homem à metáfora maior da Graça, que o conduz, não já a outra dimensão significativa, mas a outra dimensão de vida e ser.⁶

Segundo esta visão da poesia bíblica, o autor arrisca dizer mais. Ao ater-se à leitura *poética* do evangelho um leitor, mesmo não-crente, pode esbarrar num encontro que

⁵ Cf. ZWETSCH, Roberto E. Una hermosa flor al borde del camino. Al propósito del Génesis de los Mbyá-Guaraní del Paraguay. *Estudios Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p.249-260, jul./dez. 2011.

⁶ TREVISAN, Armindo. *A poesia na Bíblia: os mais belos textos poéticos do Antigo e do Novo Testamento*. Seleção de textos, adaptação rítmica, introdução e notas do autor. Desenhos de Clara Pechansky. Porto Alegre: Uniprom, 2001. p. 175s.

o marcará definitivamente. Se poesia é fingimento, como escreveu Fernando Pessoa, na poesia de Jesus, especialmente em suas parábolas, “o fingimento deixa de ser criação, em certo sentido idolátrica, transformando-se em criação viva, de igual modo como a imagem e semelhança de Deus, modeladas na argila, não passariam de simulacro sem o sopro divino que as anima. O fingimento evangélico, portanto, é uma modalidade lúdica, que torna o coração humano parceiro de sua aventura”. Ao aceitar o desafio da poesia evangélica, tem-se a possibilidade de defrontar-se com o *in-esperado*, o *não-suspeitado*, o *inefável*, o *indizível*. O encontro com Cristo será sempre um desbordar de parâmetros e de vida. Por isto, Trevisan ousa afirmar ao final do artigo mencionado uma tese que a teologia deveria testar: “Só a leitura poética [...] pode manter o evangelho contemporâneo da História, não o esgotando nos moldes crônicos (ou anacrônicos) de uma época, mas acompanhando-o na sua radioatividade indefectível”⁷.

Começemos com um poema de Adélia Prado, poetisa mineira que revolucionou a poesia contemporânea brasileira com sua erótica cristã:

Parâmetro⁸

Deus é mais belo do que eu.
E não é jovem.
Isto sim, é consolo.

Que poema! Breve, límpido, jocosos, animador. Poesia de mulher libertada da imposição da beleza aparente. Poesia que liberta jovens e pessoas maduras. Justamente pessoas como nós, eternamente preocupadas com o espelho e com o que será de nossas vidas.

II

Vivemos num tempo vertiginoso, que se caracteriza por distintas e entorpecedoras velocidades. Aviões voam mais rápido do que o som. A rede mundial de computadores permite que as informações circulem pelo mundo de forma imediata e sem fronteiras. Mesmo em países onde existem restrições, a informação fura bloqueios impostos de forma arbitrária, interna e externamente. O mesmo acontece com o uso dos satélites das redes de TV, as ondas do rádio, e outras ondas mais.

A velocidade é tamanha que nos sentimos tontos, como se perdêssemos o chão debaixo dos pés. Quem está à margem desse processo parece alguém fora do tempo, fora da história, não existe! Torna-se gente excluída, descartável.

⁷ TREVISAN, 2001, p. 182.

⁸ PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Sicaliano, 1991. p. 382.

O sistema que hoje domina o mundo é altamente seletivo. Quem não se adapta, fica fora. Torna-se um zero à esquerda. Perde importância. Deixa de interessar ao mercado e mesmo como número em frias estatísticas. Desprezível. O sistema é cruel com sua ciência e onipotência.

Como país, o Brasil corre desesperadamente para se inserir no circuito global. O governo defende a globalização, ainda que procure resgatar nela a visão dos países pobres e em busca de superação dessa pobreza histórica. Mas nesse afã faz tudo para adequar-se com suas políticas econômicas ao sistema mundial. É sua sina. Como conseguir aliar combate à pobreza com inserção no sistema mundial? Como superar a visão ideológica do único sistema mundial das mercadorias para que se afirme um mundo humano para além dos números simplesmente? A luta por uma sociedade humanamente saudável e com sentido de esperança é desafio permanente, sem fronteiras. Não há trégua nela. E não obstante, sem a água fresca da poesia, como suspirar e recuperar as forças? Recorro novamente a um poema de Adélia Prado:

III

A cicatriz⁹

Estão equivocados os teólogos
quando descrevem Deus em seus tratados.
Esperai por mim que vou ser apontada
como aquela que fez o irreparável.
Deus vai nascer de novo para me resgatar.
Me mata, Jonathan, com sua faca,
me livra do cativo do tempo.
Quero entender suas unhas,
o plano não se fixa, sua cara desaparece.
Eu amo o tempo porque amo este inferno,
este amor doloroso que precisa do corpo,
da proteção de Deus para dizer-se
nesta tarde infestada de pedestres.
Ter um corpo é como fazer poemas,
pisar margem de abismos, eu te amo.
Seu relógio, incongruente como meus
sapatos,
uma cruz gozosa, ó Félix Culpa!

Deus, o tempo, o inferno e os corpos. Amor. A espiritualidade de que carecemos só se faz plena se souber aliar corpo, tempo e eternidade com o liame do amor. Por isso, é forçoso afirmar que toda espiritualidade cristã que afoga o corpo, que nega a vida e a paixão de viver, não é de Deus.

⁹ PRADO, 1991, p. 392.

Espiritualidade cristã assume a vida, o corpo, a paixão de viver. Sabe aliar eternidade com a vida cotidiana, o andar pelas ruas, o sentir do calor e do frio, a vertigem de saber-se um ser incompleto e gozoso, ao mesmo tempo. Ela é um radical grito pelo sentido divino da vida, integralmente: corpo, alma, espírito. A vida é sagrada. A vida humana é dádiva divina e maravilhosa. E mesmo assim, a poeta pode dizer, subversivamente: “Me mata, Jonathan, com tua faca, eu te amo”. Jonathan é Jesus na poesia de Adélia Prado. A espiritualidade cristã é visceral, comprometida com a vida e a morte, com o resgate permanente da dignidade humana.

IV

Como seres do tempo e da história vivemos em meio a contradições. Honestamente, eu diria: nós somos uma contradição ambulante, ternos e odiosos, solidários e indiferentes, amantes e cheios de ciúmes. Dizemos uma coisa. Fazemos outra. Somos pela paz. Mas tecemos armadilhas para a guerra. Aberta ou veladamente. Não importa. É preciso reconhecer isso. Até para recuperarmos um mínimo de saúde e senso de justiça. Só assim compreenderemos por que existe a palavra perdão!

Ouçamos um agudo poema de um querido e saudoso poeta gaúcho, Mario Quintana, sempre genial em suas visões de solitário poeta e pensador da vida:

Segundo poema didático¹⁰

Nós ainda estamos resolvendo os assuntos
de Roma,
nós somos Roma
e o velho Egito e Nínive e Babilônia ...
E,
Apesar das brincadeiras laboratoriais,
ainda somos gerados da mesma maneira.
Nada nasce do ar.
Os próprios deuses,
tão diversos,
são,
conforme a vez, o tempo, a ocasião,
as fantasias sucessivamente usadas e
despidas
pelo Deus único e verdadeiro.
Uma divina mascarada? Não!
Ele não tema mínima culpa dos
costureiros.
Por trás dos disfarces
– no meio de todos e de tudo –
sorri, complacientemente,

¹⁰ QUINTANA, Mario. *Apontamentos de história sobrenatural*. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987. p. 81.

o Deus nu.
Sorri, sobretudo,
Para o poeta que toca o pandeiro
a lira
o pífano
o violoncelo profundo
enquanto
ao pé de todas as cruzes
soldados jogam aos dados
os destinos de Roma e do mundo.

Ora, a ironia é fina e certa. Os destinos do mundo, o nosso destino comum, o nosso futuro, via de regra, são jogados pelos poderosos com dados e soldados. Hoje em dia, com o auxílio dos modernos computadores e dos mais sofisticados meios de informação instantânea. Não tenhamos ilusões. E esse futuro incerto é decidido ao pé de todas as cruzes. A cruz não é apenas sinal do passado. Ela está cravada no tempo, no nosso tempo. E a seus pés nos encontramos, como vítimas e vitimadores. Como colaboradores da tragédia. Mas ela é também a cruz plural, pois são cruzes as que hoje marcam lugares, corpos e épocas. E com elas Cristo se identifica.

Qual será nossa posição diante dessas cruzes ou diante daquela única cruz que nos salva? Pois este que nos salva é o Deus nu, que sutilmente se utiliza de disfarces, máscaras, para se achegar a nós, simples mortais. Ele é capaz de sorrir para pobres e poetas, mas sabe dizer também: “Ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação. Ai de vós os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome. Ai de vós os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas” (Lucas 6.24ss).

V

Volto aos poemas de Adélia Prado porque ela me faz lembrar de que o DEUS NU é corpo presente, é corpo que desafia a olhar para o *outro*, é corpo que questiona e que constrange, é corpo suado, marcado, sofrido, é corpo de gente hoje e aqui. Recorro então a um poema que traduz uma experiência da tradição católica-romana muito popular no Brasil, mas que radicaliza a presença-ausência do corpo de Deus porque corrói as nossas hipocrisias e falsa moral. Ora, a espiritualidade cristã não pode confundir-se moralidade e bons costumes, muito menos com falsidades de qualquer natureza. Ela expressa uma relação com o Deus vivo e isto é sua honra e sua tragédia, ao mesmo tempo, porque quem alguém viu a Deus? Ou dele pode falar com conhecimento de causa? (1 João 4.12; Romanos 11.33-36).

A espiritualidade que remonta à experiência da cruz e, nela, às cruzes de nosso tempo, precisa ser corporalmente transparente, apaixonadamente compassiva,

embuste, a mentira que desvaloriza o corpo e faz dele mercadoria de tráfico humano. E assim, salva o corpo e o ser inteiro da execração e do martírio, da maldição e da tristeza.

Quando Jesus foi conduzido perante o governador romano Pilatos, enfraquecido e caluniado, o representante do poder imperial não encontrou nele crime algum. Não obstante, rendendo-se às manobras políticas e religiosas, aos interesses maiores do estado, lavou as mãos e condenou Jesus à cruz. Como hoje em dia governantes condenam inocentes à morte, sem um pinga de remorso ou vergonha na cara. No Gólgota, o lugar da caveira (Mateus 27.33), Jesus morreu crucificado ao lado de dois ladrões, sendo assistido de longe por alguns de seus atônitos discípulos e muitas amigas, que o acompanhavam desde a Galileia para o servir, informa Mateus de forma surpreendente.

Solitário, abandonado, Jesus entregou-se ao Pai e gritou o seu desespero abissal: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” repetindo o Salmo 22. Nesse grito, porém, está presente a mais radical confiança em Deus (Salmo 22.3). Como se sabe do testemunho bíblico, foi Deus quem mudou o final dessa história de perseguição, tortura e assassinato, realizado em nome de Deus e do Estado, com os fatos inusitados do domingo de Páscoa. É essa surpresa humanamente inverossímil que sustenta até os dias de hoje a comunidade das discípulas e dos discípulos de Jesus mundo afora. Tudo o mais é tradição humana.

Espiritualidade cristã só pode ser espiritualidade crítica, pois ela nasce da cruz e da sua ignomínia. No seu reverso, é espiritualidade da esperança e da vida que vale a pena viver. Ela nasce de uma crise radical. Se o cristianismo vive hoje no mundo uma profunda crise, bem-vinda seja esta crise porque ela nos aproxima do cerne da fé. Sempre que nos acomodamos ao *status quo* acabamos por desfigurar o evento da cruz. Domesticamos a cruz ao colocar nelas flores e perfumes. Pois a cruz é a crise permanente da vida cristã, diante da qual os argumentos tremem e o coração é sacudido até as entranhas.

A crise é constitutiva da fé e da espiritualidade cristãs. Toda vez que alguém imaginar vencê-las para colocar-se mais próximo ou no lugar de Deus, reduziu a fé e a espiritualidade às dimensões humanas e aquietou o Espírito da Ressurreição. Idolatria. Com isso, acabrunha o Espírito. Manipula Deus. É por isso que o desafio da fé é manter a duras penas o *princípio protestante*, como afiançou Paul Tillich. Deixemo-nos, pois, revolucionar pela cruz de Cristo¹².

A espiritualidade cristã não teme as crises. Ela teme é a preguiça, a desfaçatez, a covardia, a insensibilidade com o sofrimento alheio, o desamor, a impiedade, a omissão, a vilania. A espiritualidade cristã é antes paciente, teimosa, resoluta no caminho da justiça e da paz. Ela exige, de fato, *coragem de ser* (P. Tillich). Ela não se envaidece, mas reconhece

¹² ZWETSCH, Roberto E. Cristianismo, crise e cruz. *Zero Hora*, Porto Alegre, 23 de janeiro de 2000. p. 22.

suas limitações. Para dizer com Lutero, sabe-se justa e pecadora, sempre. Ela é sucedânea do amor, amor do corpo, amor em tempos do cólera (Gabriel García Márquez), da dengue, da febre amarela, da tuberculose, da AIDS, de insensibilidade brutais.

VI

Volto a Mario Quintana. Vejam o que ele escreve sobre Deus:

O Deus vivo¹³

Deus não está no céu. Deus está
 no fundo do poço
 onde o deixaram tombar.
 - Caim, o que fizeste do teu Deus?!
 Suas unhas ensanguentadas arranham
 em vão as paredes escorregadias.
 Deus está no inferno ...
 É preciso que lhe emprestemos todas as
 nossas forças
 todo o nosso alento
 para trazê-lo ao menos à face da terra.
 E sentá-lo depois à nossa mesa
 e dar-lhe do nosso pão e do nosso vinho,
 e não deixar que de novo se perca.
 Que de novo se perca ... nem que seja no
 céu!

A perícopre de Mateus 25.31-46 se tornou uma chave clássica na teologia latino-americana da libertação. Nessa parábola, Jesus expõe por meio da figura do grande julgamento uma forma de presença que vale para sua ausência no meio do seu povo crente. Isto significa dizer que se não o vemos fisicamente, nem por isso ele deixa de se acercar a nós e questionar nossa boa ou má vontade. Ele, escatologicamente, está bem perto de nós. Só que não o vemos nem lhe damos crédito. Para ele parece pobre demais, sujo e faminto, esfarrapado e perseguido, um ser humano mais perto do desprezo que da solidariedade.

É que ele está no inferno e nós não costumamos nos aproximar do inferno. Pois o inferno são os *outros*. Preferimos a segurança do céu de nossos sonhos de classe média, nem que seja um céu adequado às nossas medidas, asséptico, sem as fissuras dos vulneráveis, sedentos, famintos de pão e de beleza. Desconhecemos, na verdade, o inferno onde Deus está. Por isto fica difícil convidá-lo para ceiar conosco e repartir com ele o pão e o vinho da Ceia. Que fizemos da Ceia do Senhor?

¹³ QUINTANA, 1987, p. 64.

No poema a partilha do pão e do vinho é o momento de comungar a presença de Deus. A presença libertadora de Deus. Comida e festa pela alegria da descoberta. Partilha de bens e de alegria. Como aconteceu com os discípulos a caminho de Emaús (Lucas 24). Deus no meio dessa mesa partilhada numa experiência de hospitalidade, amor e paixão. Antídoto para todos os infernos conhecidos e desconhecidos. *Compassion*, como afirmou o Dalai Lama – líder dos budistas tibetanos – quando veio ao Brasil na Eco 1992.

A espiritualidade cristã se manifesta na partilha de pão e de vinho, de casa e bens, de conhecimentos e sonhos, de amizade e sofrimentos, de buscas e utopias. Ela jamais se conforma com a injustiça. Sonha e se arrisca pelas transformações urgentes de que carece a nossa casa comum: a terra, o planeta. Por isso mesmo espiritualidade cristã é ecumênica e ecológica, abrange o todo, a terra e o céu. Ela não discrimina diante das diferenças culturais, antes as realça, valoriza, dignifica. Negros, povos indígenas, os agricultores sem terra, estrangeiros, mulheres, pessoas idosas, indigentes, pessoas com deficiência, crianças, todos encontram nessa espiritualidade guarida, respeito, amor. Todas recebem dela o Espírito que dá Vida, que mantém a vida, e que intercede por nós diante de Deus com gemidos inexprimíveis (Romanos 8.26).

A espiritualidade cristã é caminho de vida. Ela permite uma experiência de Deus que nos convence do seu amor por nós. Somos seres amados. Somos gente que vive do perdão. Somos gente libertada. Por isso temos razões para cantar e dançar diante do Criador, nas ruas, nos templos, nas alturas infinitas do cosmos.

Esta espiritualidade nos anima no seguimento do Crucificado. Conta a banalização da vida e a exacerbação do individualismo doentio de nossos dias, ela nos ensina a viver a liberdade das filhas e dos filhos de Deus. E tal experiência é gratuita, amorosa, compromissiva. “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou”, escreveu o apóstolo Paulo (Gálatas 5.1). Tal liberdade é a base para a fé que atua pelo amor.

Como isso acontece? Há muitas maneiras, conhecidas e ignoradas. Pode ser o encontro com a realidade, pode ser a revelação de um poema, pode ser o amor por pessoa amiga ou por uma causa maior. Pode ser o encontro com pessoas pobres e indefesas. Pode ser um sermão ou um canto na igreja. Pode ser até mesmo a solidão, o desamparo, a covardia num instante de dor e fraqueza. Sempre, porém, ela se dá como experiência do encontro com a Palavra do Deus Vivo. Não só na literalidade do texto bíblico, mas na força do Espírito que a letra revela. Nesse encontro, somos duplamente derrotados, dele saindo, porém e paradoxalmente, vitoriosos. Como na luta de Jacó com o anjo de Deus no vau do Jaboque, Lutou a noite inteira, ficou manco, mas saiu vivo (Gênesis 32.22ss)!

Nessa luta com Deus, a gente perde. Mas esta perda, contrariamente à lei da vida humana, nos salva porque nos marca para toda a vida. E a marca é a liberdade de viver a graça e por meio da graça de Deus. Que diferença com a luta encarniçada por sobreviver no sistema mundial das mercadorias em que estamos metidos até os dentes. Nesse

sistema, não há perdão. A competição é desigual e corrompida pelos mais fortes. Poucos ganham, milhões perdem.

Quando Paulo defende a lei da liberdade, ele completa seu pensamento: “O Senhor é Espírito: e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Coríntios 3.17). A característica dessa liberdade cristã é o serviço. Somos livres não para fazermos o que quisermos, pois isto não é liberdade. A liberdade cristã se comprova no serviço livre e espontâneo, no serviço que cria espaços e experiências de liberdade. Serviço como marca da vida comunitária cristã. Tal serviço, porém, não é servilismo, subserviência, paternalismo ou maternalismo. Pois aí estamos diante de relações desiguais e escravizadoras. O serviço que brota da espiritualidade cristã é o que hoje poderíamos traduzir por cidadania. Cidadão ou cidadã é a pessoa que rompe com seu interesse próprio e assume o desafio da cooperação. Cooperar para o bem de sua cidade, de seu povo, para que a liberdade seja nela uma realização. Trata-se de um grande desafio à criatividade. Tal concepção tem a ver com o que entendemos por democracia no mundo atual. Como desdobramento da espiritualidade cristã.

VII

Dom Pedro Casaldáliga, bispo emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia, norte do Mato Grosso, às margens do rio Araguaia é também poeta. De seus poemas candentes e críticos, tenho recebido iluminação e instigação, como neste poema que ele escreveu para sua mãe, em língua catalã, depois traduzido ao português:

O nome novo¹⁴

Pranto e silêncio e grito
 é a palavra que me enche agora
 a boca e o espírito.
 Que nunca ainda
 eu havia chegado
 a entender, mãe:
 a li-ber-da-de!

(Com todos os que lutaram e morreram
 por Ela:
 com todos os que a cantaram e a sofreram
 e sonharam ...
 eu a canto e a sofro
 - e a faço, também um pouco -
 a livre Liberdade!

Aquela, quero dizer, mãe, total,
 com que Cristo nos libertou.)

¹⁴ CASALDÁLIGA, Pedro. *Antologia retirante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 189.

Se me batizas outra vez, um dia,
 com a água dos soluços e da memória,
 com o fogo da morte e da Glória ...
 diz a Deus e ao mundo
 que me puseste
 o nome
 de Pedro Liberdade!

Este poema, Dom Pedro escreveu quando esteve preso em sua casa por vários dias cercado pelas forças de segurança da Ditadura brasileira nos anos de 1970 porque ousou enfrentar os latifundiários proprietários de imensas fazendas no Mato Grosso, saindo em defesa de peões e trabalhadores rurais que trabalhavam como semi-escravos em muitas daquelas empresas. Naqueles anos, Dom Pedro e vários de seus amigos da Igreja de São Félix foram processados por subversão. Ele foi considerado perigoso e quase expulso do país. Um padre de sua Prelazia acabou sendo morto dentro de uma delegacia por engano, pois vestia a velha batina clerical. A bala deveria ter atingido o bispo que se salvou por vestir-se como cidadão comum e andar de sandálias. Até hoje, Dom Pedro considera-se um sobrevivente que deve a vida ao irmão mártir de sacerdócio.

Mas este poema tem mais. Só quem viveu e andou nos limites da institucionalidade, roçando as botas dos soldados e dos homens a serviço do Poder e da repressão aos dissidentes, só quem naqueles interiores se mostrou disposto a defender o direito dos pobres e uma vida digna para mulheres e homens desvalidos que simplesmente lutavam por dignidade humana é capaz de compreender o que significa temer pela própria liberdade.

É este mesmo Pedro Liberdade que escreveu o poema que segue:

A paz inquieta¹⁵

Dá-nos, Senhor, aquela Paz inquieta
 que denuncia a paz dos cemitérios
 e a paz dos lucros fartos.

Dá-nos a Paz que luta pela Paz!
 A Paz que nos sacode
 com a urgência do Reino.
 A Paz que nos invade,
 Com o vento do Espírito,
 a rotina e o medo,
 o sossego das praias
 e a oração do refúgio.
 A Paz das armas rotas
 na derrota das armas.
 A Paz do pão da fome de justiça,

¹⁵ CASALDÁLIGA, Pedro. *Orações da caminhada*. Campinas: Verus, 2005. p. 111.

a Paz da liberdade conquistada,
a paz que se faz “nossa”
sem cercas nem fronteiras,
que é tanto Shalom como Salam,
perdão, retorno, abraço ...

A experiência de Dom Pedro me remete a outro poema, desta vez de um pastor evangélico-luterano para quem a luta pela liberdade custou a própria vida. Refiro-me a Dietrich Bonhoeffer, condenado à força pelas forças do regime nazista de Hitler, pouco antes do término da 2ª Grande Guerra Mundial (1939-1945), no campo de prisioneiros de Flossenbürg. Bonhoeffer ficou mais de três anos preso por sua coerência e fé no evangelho da liberdade em Cristo. Logo que compreendeu aonde levava o regime de Hitler, passou para a oposição, assumindo todos os riscos dessa opção. Participou da Igreja Confessante, a igreja que resistiu aos ditames do regime. Compactou com os que tentaram acabar com a vida do ditador e a loucura da guerra. Frustrado o atentado, foi preso com vários outros conspiradores. Assumiu coerentemente o pecado de matar, sem refugiar-se em supostos argumentos capciosos. Por isto foi preso, mas jamais perdeu a fé e a esperança. Aliás, companheiros seus de prisão testemunharam como ele, apesar de todo o sofrimento, sempre encontrava forças para sorrir com altivez, animando colegas de infortúnio e alimentando a chama da esperança nos condenados à morte. É dele este poema que segue:

Estações no caminho para a liberdade¹⁶

Disciplina

Se partes em busca da liberdade, aprende primeiro
a disciplinar os sentidos e a alma, para que os desejos
e teus membros não te joguem de um lado para outro.
Castos sejam tua mente e teu corpo, plenamente submissos a ti,
e obedientes, afim de buscarem a meta que lhes foi apontada.
Ninguém experimentará o mistério da liberdade a não ser pela disciplina.

Ação

Não fazer e ousar qualquer coisa, mas o que é direito,
não se deter no possível, mas agarrar corajosamente o que é real,
não na fuga das idéias, mas somente na ação é que se encontra a liberdade.
Abandona o vacilar medroso e enfrenta a tempestade dos acontecimentos,

¹⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Cartas e anotações escritas na prisão. Editado por Christian Gremmels, Eberhard Bethge e Renate Bethge em cooperação com Ilse Tödt. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2003. p. 520-522. Sobre a sua compreensão da liberdade, Bonhoeffer escreveu ao seu cunhado E. Bethge em 28 de julho de 1944: “[...] não só a ação, mas também o sofrimento é um caminho para a liberdade. A libertação no sofrimento consiste em que podemos tirar nossa causa completamente das próprias mãos e colocá-la nas mãos de Deus. Neste sentido, a morte é a coroação da liberdade humana. Se a ação humana é ou não coisa de fé. Isso depende de a pessoa entender ou não o seu sofrimento como prolongamento de sua ação, como consumação de sua liberdade. Acho isso muito importante e muito consolador”. BONHOEFFER, 2003, p. 502.

sustentado somente pelo mandamento de Deus e por tua fé,
e a liberdade envolverá jubilosa o teu espírito.

Sufrimento

Maravilhosa transformação. As mãos tão fortes e ativas
te foram amarradas. Impotente, solitário, vês o fim
da tua ação. Mas então respiras aliviado e colocas o que é direito,
tranquilo e consolado, em mãos mais fortes e te dás por satisfeito.
Apenas por um instante tocaste, feliz, a liberdade,
e logo a entregaste a Deus, para que ele a aperfeiçoe esplendidamente.

Morte

Vem, pois, sublime festival no caminho para a liberdade eterna,
morte, derruba os incômodos grilhões e muros
de nosso corpo mortal e nossa alma obcecada,
para que vejamos, afinal, o que aqui não nos foi permitido vislumbrar.
Liberdade, procuramos-te muito na disciplina, na ação e no sofrimento;
morrendo reconhecemos, no semblante de Deus, a ti mesma.

A espiritualidade cristã conforme este poema anima o caminho em busca da liberdade. Hoje em dia muita gente morre precocemente em nosso país, sobretudo jovens pobres ou de classe média. Na guerra do tráfico de drogas ou na guerra do trânsito. Esses não puderam beber um gole que fosse da liberdade. Não tiveram tempo para assumir este caminho. Morreram antes do tempo. Mas nós, os que vivemos, não podemos desistir. E para tanto recebemos o Espírito de Cristo e o exemplo dos que nos precederam e morreram por esta fé. Hoje, esses versos nos ensinam a cantar com gratidão um hino à liberdade e sair em seu encalço. Com disciplina, ação e sofrendo, se preciso for. Sabendo, contudo, que na morte está preparado o desafio da liberdade maior.

VIII

Chego ao último poema, de minha autoria, ao estilo dos salmos bíblicos. Escrevi o poema sob a inspiração dos versos de Adélia Prado. Entendo que a fé e a espiritualidade cristãs só subsistem alimentadas diuturnamente pela oração. Da oração contrita e alegre. Em todas as horas, boas ou ruins. No recesso silencioso do quarto ou no tumulto em meio à multidão das ruas. No alto de um penhasco ou no fundo do abismo. Nos templos, nos mosteiros. Na escola, no carro, no ônibus, no metrô. Em meio ao trabalho, na loja ou na padaria, junto ao fogão ou no meio de um banho reconfortante e restaurador. Em todos os lugares e em cada momento uma pessoa de fé ora, clama, canta, sonha e exalta o Criador e Salvador de todos nós. Pois em Jesus de Nazaré acabou a antiga divisão entre sacro e profano, santo e pecador. É que a partir da novidade maior do evangelho da água viva, chegou a hora definitiva em que os verdadeiros adoradores de Deus Pai e Mãe o adoram em espírito e em verdade. E são essas pessoas nos templos ou nas ruas, crentes ou nem

tanto, que Deus procura (João 4.23). Por isso mesmo, tal espiritualidade – que gosto de chamar de espiritualidade da caminha, espiritualidade peregrina – procura a comunhão, o conselho mútuo, o serviço de amor, a solidariedade sempre. Sobre este poema cabe aqui uma reflexão expressa pela própria Adélia Prado numa entrevista. Perguntada sobre o terrível sentimento de desamparo, de orfandade, de solidão provocado pela proximidade e realidade da morte, ela respondeu: “[...] é um absurdo eu existir e esse absurdo, entre aspas, que me criou certamente me sustenta. Quem me deu o começo vai me acolher no fim. Você é convocado a uma fé mais madura, mais confiante, fica mais alegre, mais leve. A maior alegria é um sinal de um crescimento na fé e a superação desses medos horrorosos. O medo da morte é horrendo ... Mas é bom também a gente não saber. Saber demais envelhece. Ignorância é muito bom. A gente vive é na fé”.¹⁷

“O grande escuro é Deus”¹⁸

Para Adélia Prado

Um dia abri o livro
e lá estava escrito:
“O grande escuro é Deus
e forceja por nascer da minha carne”.
Sim, é canto de mulher parideira
poetisa mineira
solta nos prados
colhendo as flores
que o vento semeou.

Grande és tu, meu Deus,
e escuro como o ébano africano
que aqui reverencio.
Desde sempre forcejas
por nascer em nossas carnes,
nossas vidas,
nossos braços, barracos,
mãos e mentes.

Mas como é difícil
aceitar-te pobre e frágil,
sem ter seque
uma pedra onde reclinar
a cabeça cansada
de peregrino
ambulante do evangelho
da alegria maior.

Quem se dispõe
a parir o céu e a terra?

¹⁷ PRADO, Adélia apud, BINGEMER, 2011, p. 283. O poema Nigredo, no qual me inspirei, está publicado in: PRADO, 1991, p. 334s.

¹⁸ ZWETSCH, Roberto E. *Vigília*. Salmos para tempos de incerteza. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 45s.

O mar, a distância febril?
O novo canto da vida?
O grito do pobre oprimido?
A dor da nova esperança?
A luz no fim do túnel?

Recolho cacos de vida
nas minhas andanças descalças
e de pedaço em pedaço
vai se formando um desenho
que nem eu imaginava
nos mais lúcidos sonhos ignotos.

Forjador do mundo novo,
do escuro nasce o claro,
céu aberto se espraiando
na vigília desta hora
de amor e gratuidade.

Sim, meu Deus, tu és como
o ferreiro que malha o ferro
da minha vida querida.
Saberei suportar o teu malho?

Em síntese, somos seres do tempo e da história. E Deus é antes e depois do tempo. Mas ele entrou no tempo, fez-se humano na história e como ser humano tornou-se igual a nós. Essa presença divina no meio de nós revela o sistema do mundo, as muitas dominações e exclusões. Nisso, revela também nossas próprias contradições, as cicatrizes do tempo que marcam nossos corpos mortais, nossos desejos, sonhos, utopias e ilusões.

Deus, o tempo e os nossos corpos. Deus nasce sempre de novo para nos resgatar. A vida humana como ela é: contraditória, incongruente, mas sagrada, divina e maravilhosa. Por isso, quis mostrar aqui que a espiritualidade cristã é apaixonada pela vida. Ela é um radical grito que se junta ao grito de Deus pelo sentido da vida. Que mistério profundo!

Tal espiritualidade vive – e só assim se mantém – do amor e do perdão de Deus. Ela desafia a nós e aos poderosos que jogam com seus dados os destinos nosso e do mundo, aos pés da cruz, de todas as demais cruces. Por isso mesmo, como fruto maduro da cruz-crise da execração ela é crítica de todos os poderes que escravizam, que matam porque se baseiam na injustiça. Ela é espiritualidade aberta, generosa, corajosa, compassiva. Ela se alimenta da misericórdia divina, do amor maior. Com-paixão!

Ela não se confunde com falsos moralismos. É capaz de amar um corpo nu pendido de um madeiro ignominioso e covarde. Mas é capaz também de amar um corpo de mulher belo e ardente como se ama o próprio Deus. Ela vive da presença do Ressuscitado que iluminou um domingo de Páscoa há muito tempo a vida de simples

mulheres do povo a quem ninguém dava crédito. Seu Espírito atuante mudou radicalmente o rumo da história e continua a atuar onde menos se espera.

A espiritualidade cristã não foge do inferno, mas passa por ele como única maneira de chegar à mesa em torno da qual compartilhamos pão e vinho na presença libertadora do Deus vivo. Por isto mesmo, é espiritualidade solidária com gente pobre e indefesa e não nega o *outro*, o *estranho*, mas constrói com estes um mundo humano, fraterno, no qual a justiça é como um beijo de amor e amizade.

A espiritualidade cristã é vivência livre e libertada de quem conheceu a liberdade para a qual Cristo nos libertou e continua a libertar. Essa liberdade – cantada em verso e prosa por poetas e poetisas – se torna, hoje, serviço criativo, disposição voluntária para exercer com maturidade a nossa cidadania, o desafio de ser cidadão do reino aqui e agora em meio a este mundo de Deus. O exercício da cidadania é uma forma importante, necessária, urgente, de manifestar a comunitariedade da vivência espiritual da fé.

Espiritualidade cristã, finalmente, recebe sua força da oração permanente. Da oração sem fronteiras, lugar ou hora marcada. Ela se dá e se faz na vertigem do tempo, em qualquer lugar em que se manifesta o que Tillich chamava de “preocupação última”, “preocupação suprema”.¹⁹ Ela se manifesta onde pessoas se abrem para o encontro com a Verdade de nossas vidas, de nosso tempo, de nossa história comum. A poesia é uma das formas mais belas e mais instigadoras de expressar estes encontros.

[Recebido em: junho de 2013

Aceito em: agosto de 2013]

¹⁹ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. Trad. Jaci Marachin. São Paulo: Fonte, 2009. p. 84.